

Preservando o moderno da Fundação Oswaldo Cruz: Estudos para o Plano de Conservação do Pavilhão Arthur Neiva

AGUIAR, Barbara; ZOUAIN, Rosana; COSTA, Renato. Preservando o moderno da Fundação Oswaldo Cruz: Estudos para o Plano de Conservação do Pavilhão Arthur Neiva. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 2, p. 22-32, dez. 2018

data de submissão: 24/11/2017

data de aceite: 02/07/2018

Preserving the Oswaldo Cruz Foundation's Modern: Studies for the Arthur Neiva Pavilion Conservation Management Plan

Preservando el Moderno de la Fundación Oswaldo Cruz: Estudios para el Plan de Conservación del Pabellón Arthur Neiva

Barbara Cortizo de AGUIAR

Doutoranda em história da arquitetura, The University of Texas at Austin; arquiteta e urbanista, ; Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

Rosana Soares ZOUAIN

Mestranda em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; arquiteta e urbanista, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

Renato da Gama-Rosa COSTA

Doutor em urbanismo; pesquisador e professor da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; Coordenador do DOCOMOMO Brazil.

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a metodologia para a elaboração de planos de conservação preventiva para o acervo científico e cultural da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e os estudos realizados para a preparação do plano de conservação para o Pavilhão Arthur Neiva. Projetado pelo arquiteto Jorge Ferreira entre 1942 e 1948, o pavilhão é uma pequena joia moderna no Campus Fiocruz Manguinhos, no Rio de Janeiro. O edifício sintetiza todos os elementos que tornaram célebre a arquitetura moderna brasileira, tendo seu valor artístico acrescido da presença de um painel de azulejos e jardins projetados pelo paisagista Roberto Burle Marx.

Palavras-chave: plano de conservação, conservação preventiva, patrimônio da saúde, Rio de Janeiro

Abstract

This article presents the methodology for the preparation of preventive conservation management plans for the scientific and cultural heritage of the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz). It also presents the studies carried out to subsidize the conservation management plan for the Arthur Neiva Pavilion. Designed by the architect Jorge Ferreira between 1942

and 1948, the pavilion is a small modern jewel in the Fiocruz Manguinhos Campus, in Rio de Janeiro. The building synthesizes all the elements that have made modern Brazilian architecture famous, having its artistic value enhanced by the mural and gardens designed by the landscape architect Roberto Burle Marx.

Keywords: conservation management plan, preventive conservation, health heritage, Rio de Janeiro.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar la metodología para la elaboración de planes de conservación preventiva para el acervo científico y cultural de la Fundación Oswaldo Cruz (Fiocruz), y los estudios realizados para la preparación del plan de conservación para el Pabellón Arthur Neiva. Diseñado por el arquitecto Jorge Ferreira entre 1942 y 1948, el pabellón es una pequeña joya moderna en el Campus Fiocruz Manguinhos, en Río de Janeiro. El edificio sintetiza todos los elementos que hicieron célebre la arquitectura moderna brasileña, teniendo su valor artístico aumentado por la presencia de un panel de azulejos y jardines proyectados por el paisajista Roberto Burle Marx.

Palabras-clave: plan de conservación, conservación preventiva, patrimonio de la salud, Rio de Janeiro.

As mudanças ocorridas ao longo do século XX alteraram significativamente os tecidos das cidades, sobretudo pela introdução de novas estruturas viárias e novas tipologias de edifícios, modificando consideravelmente a paisagem urbana. Embora o reconhecimento desse legado arquitetônico venha crescendo em alguns países desde o final da década de 1980, ainda são poucos os sítios e edifícios representativos deste período listados como patrimônio cultural, se comparados aos exemplares de outros períodos históricos. Desta forma, o patrimônio moderno permanece em risco, ameaçado pela falta de reconhecimento e, mais frequentemente, por intervenções que comprometem irreversivelmente o valor patrimonial desses bens.

No caso do Brasil, apesar do reconhecimento precoce de alguns exemplares da arquitetura moderna, ainda se percebe a valorização de apenas uma determinada geração de arquitetos, reunidos em torno do projeto para a sede do Ministério da Educação e Saúde Pública (1937-1945): Oscar Niemeyer (1907-2012), Carlos Leão (1906-1983), Ernani Vasconcellos (1912-1988), Jorge Machado Moreira (1904-1992), Affonso E. Reidy (1909-1964), Roberto Burle Marx (1909-1994). Gradativamente, começam a ser celebrados projetos de outros arquitetos pertencentes ao círculo de amigos de Lucio Costa, como Jayme da Silva Telles (1895-1966), Luiz Nunes (1909-1937), Atílio Corrêa Lima (1901-1943), Álvaro Vital Brazil (1909-1947), Alcides da Rocha Mi-

randa (1909-2001), Marcelo Roberto (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953), citados por Roberto Segre em livro de 2013¹, e que têm sido objetos de estudos mais recentes.

Os arquitetos mencionados acima fazem parte do que se conhece como a Escola Carioca de Arquitetura Moderna, mesmo atuando em outros municípios e estados, como é o caso de Luiz Nunes e seus projetos pioneiros de meados da década de 1930 no Recife e em Olinda. Em São Paulo, a arquitetura moderna tem início com a exposição de alguns projetos durante a Semana de Arte Moderna de 1922, e da atuação pioneira de Gregori Warchavchik (1896-1972). Entretanto, a Escola Paulista de Arquitetura Moderna somente se estabelece com a atuação de Vilanova Artigas (1915-1985) e alguns anos mais tarde, de Lina Bo Bardi (1914-1992), em torno do projeto do Museu de Arte de São Paulo (1958-1968).

Paralelamente ao reconhecimento do legado criativo deixado por estas e outras escolas modernas brasileiras, percebe-se o crescente interesse pela preservação do patrimônio relativo à produção arquitetônica do século XX, como demonstram os encontros promovidos pelo DOCOMOMO Brasil e pelo Icomos Brasil, onde cada vez mais se reconhece os sítios e edifícios modernos como um importante legado para as futuras gerações.

Neste artigo, serão apresentados os estudos e pesquisas realizados sobre o Pavilhão Arthur Neiva projetado por Jorge Ferreira (1913-2008), contemporâneo da geração pioneira da Escola Carioca, e cuja produção profissional estimula maiores reconhecimentos por parte da historiografia brasileira. Será apresentada, igualmente, a metodologia definida para a elaboração do plano de conservação preventiva para o edifício, importante patrimônio, reconhecido nos anos 2000 pela instituição que o abriga, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Parte das pesquisas realizadas, descritas neste artigo, recebeu apoio da Fundação Getty,² por meio de sua iniciativa Keeping It Modern, que tem como objetivo financiar ações de planejamento e conservação da arquitetura do século XX em todo o mundo. Iniciativas como esta contribuem para se consolidar as ações de conservação e valorização da arquitetura moderna, cuja particularidade brasileira carece ainda de maiores investimentos.

Por meio da divulgação deste trabalho, pretende-se compartilhar as ações voltadas à conservação do patrimônio moderno que vem sendo empreendidas na Fiocruz, buscando contribuir para os debates sobre os riscos, vulnerabilidades e desafios que envolvem a preservação do patrimônio moderno no Brasil.

Apresentação

A Fundação Oswaldo Cruz, instituição vinculada ao Ministério da Saúde, é uma das mais importantes instituições de saúde pública na América Latina. Foi fundada em 1900 com a denominação de Instituto Soroterápico Federal, com a missão de produzir soros e vacinas para combater as epidemias que assolavam o país na virada do século passado.

O Instituto Soroterápico Federal foi instalado no terreno da antiga Fazenda de Manguinhos, situado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Este local foi escolhido por ser afastado do centro da cidade e cujo único acesso terrestre se dava pela estrada de Manguinhos, que ligava o antigo Instituto à estação de trem do Amorim. Em 1904, o Instituto passa a construir suas instalações próprias, para abrigar os laboratórios e demais atividades do Instituto que, até então, funcionavam nas antigas instalações da Fazenda de Manguinhos, sendo o primeiro conjunto de edificações construído em estilo eclético.

Ao longo de sua trajetória de mais de 100 anos, a Fiocruz acumulou um importante patrimônio científico e cultural, incorporando estruturas e processos para viabilizar a preservação destes acervos e sua disponibilização para a sociedade. Neste sentido, em meados da década de 1980, foi criada a Casa de Oswaldo Cruz, com a missão de preservar e valorizar a memória da instituição e dos seus acervos.

Atualmente, o patrimônio arquitetônico do Campus Fiocruz Manguinhos é constituído das edificações em estilo eclético, projetadas pelo arquiteto português Luiz Moraes Jr. (1868-1955), entre 1904 e 1922, e pelo conjunto moderno construído nas décadas de 1940 e 1950. Desde 1986, as ações de preservação deste patrimônio arquitetônico estão a cargo do Departamento de Patrimônio Histórico, vinculado à Casa de Oswaldo Cruz. Entre as atividades realizadas pelo Departamento estão a elaboração dos projetos e fiscalização de obras de restauração e conservação dos edifícios, ensino e pesquisa nos campos da história da arquitetura da saúde e conservação de bens culturais, educação patrimonial e valorização do patrimônio. Além dessas atividades, o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC) orienta as intervenções urbanas e paisagísticas nas áreas de entorno dos bens tombados e em edifícios de interesse para preservação, geridos por outras unidades da instituição.

Desde 2008, a Casa de Oswaldo Cruz, em consonância com a consolidação dos conceitos de conservação preventiva no campo da preservação do patrimônio cultural, vem incentivando a adoção de práticas de conservação preventiva para

garantir a preservação dos diferentes acervos da instituição. Neste sentido, foi desenvolvida uma metodologia para elaboração de planos de conservação preventiva, inspirada em experiências internacionais, com destaque para a metodologia de diagnóstico de conservação desenvolvida pelo Getty Conservation Institute. Vale ressaltar que a atuação pioneira, no caso do Rio de Janeiro, da Fundação Casa de Rui Barbosa, foi fundamental para o desenvolvimento desta metodologia.

Conservação Preventiva na Fundação Oswaldo Cruz

A conservação preventiva, reconhecida atualmente como uma importante abordagem para a preservação do patrimônio cultural, pressupõe um conjunto de medidas e ações que tem como objetivo evitar ou mitigar a deterioração de materiais e estruturas, ou de perdas futuras de bens culturais. Para que se possa estabelecer esse conjunto de ações, é necessário um conhecimento não só do objeto a ser preservado, mas, também, do ambiente onde ele está inserido. Essa abordagem exige conhecimentos diversos, integrando diferentes tipos de profissionais em todas as etapas do trabalho, de forma a garantir um maior conhecimento sobre o contexto onde o objeto está inserido para que possam ser propostas medidas mais eficazes para minimizar os impactos do ambiente sobre ele³.

Outra iniciativa relevante promovida pela Casa de Oswaldo Cruz foi a elaboração da Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde, publicada em 2013, que estabeleceu orientações para o investimento em ações preventivas e pesquisas para subsidiar a definição e aprimoramento das estratégias de conservação desses acervos. Seguindo estas premissas, o Departamento de Patrimônio Histórico tem se dedicado à elaboração dos planos de conservação preventiva para os edifícios que estão sob a sua responsabilidade, entre eles o do Pavilhão Arthur Neiva, cujos estudos já desenvolvidos serão apresentados a seguir.

Com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o edifício, em 2014 foi submetido um projeto à Fundação Getty no âmbito de seu programa Keeping It Modern, para financiamento de investigações e estudos técnicos para subsidiar o diagnóstico sobre o edifício.

O projeto elaborado pelo DPH/COC foi aprovado, e envolvia as seguintes ações, desenvolvidas entre 2015 e 2016: atualização de dados cadastrais e mapeamento de danos do edifício; avaliação do painel de azulejos e seu estado de conservação; prospecção estratigráfica das camadas pictóricas nas paredes, tetos e esquadrias do edifício; avaliação estrutural do Pavilhão Arthur Neiva; pesquisa documental sobre o projeto paisagístico original do edifício.

Ao longo do processo foram realizadas ainda diversas ações de educação patrimonial que buscaram recolher e disseminar informações sobre a edificação e acerca do trabalho de investigação que estava sendo realizado. Este financiamento possibilitou ao DPH/COC desenvolver estudos e análises acerca das condições físicas do edifício para subsidiar a elaboração do seu plano de conservação. Os estudos realizados foram divulgados em uma publicação⁴ que reúne textos sobre a edificação e sua história, as atividades do Departamento de Patrimônio Histórico, e relata as atividades desenvolvidas.

O Pavilhão Arthur Neiva

Originalmente conhecido como Pavilhão de Cursos, o edifício faz parte do conjunto de edifícios modernos construídos no Campus Fiocruz Manguinhos, na gestão de Henrique Aragão (1879-1956), entre os anos de 1942 e 1949. Diante das sucessivas modificações urbanas que ocorriam naquela região da cidade, especialmente por conta da abertura da Avenida Brasil (Figura 1), Henrique Aragão escolheu construir os novos pavilhões longe do núcleo arquitetônico original, com a preocupação em definir os limites do terreno e consolidar a área do *campus*. A maior parte destes projetos foi elaborada pelos arquitetos da Divisão de Obras do antigo Ministério da Educação e Saúde, sob a responsabilidade do ministro Gustavo Capanema, ele próprio um defensor da moderna arquitetura brasileira e diretamente envolvido na escolha do projeto de Lucio Costa e sua equipe, para o então Ministério da Educação e Saúde.

Além do antigo Pavilhão de Cursos (Figura 2), foram construídos na década de 1940, o Pavilhão de Patologia (atual Pavilhão Carlos Chagas) e o Pavilhão do Restaurante Central (atual Pavilhão Carlos Augusto da Silva). Na década seguinte, foram ainda construídos neste estilo a Portaria da Avenida Brasil e o antigo Pavilhão da Febre Amarela, atualmente conhecido como Pavilhão Henrique Aragão.

O Pavilhão Arthur Neiva foi projetado em 1942 por Jorge Ferreira enquanto arquiteto da Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saúde, para abrigar as atividades de ensino do então Instituto Oswaldo Cruz (atual Fundação Oswaldo Cruz). O Pavilhão foi tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro (Inepac) em 2001, juntamente com o Pavilhão Carlos Augusto da Silva, por meio de pedido encaminhado pela presidência da Fiocruz em 1998, a partir das orientações dos arquitetos do DPH/COC.

Jorge Ferreira foi uma figura importante na moderna arquitetura brasileira, sendo autor e coautor de obras de referência, como a Estação de Hidroaviões (1937-1938), ainda como estudante de arquitetura. Ferreira ainda projetou o Internato do Colégio Pe-

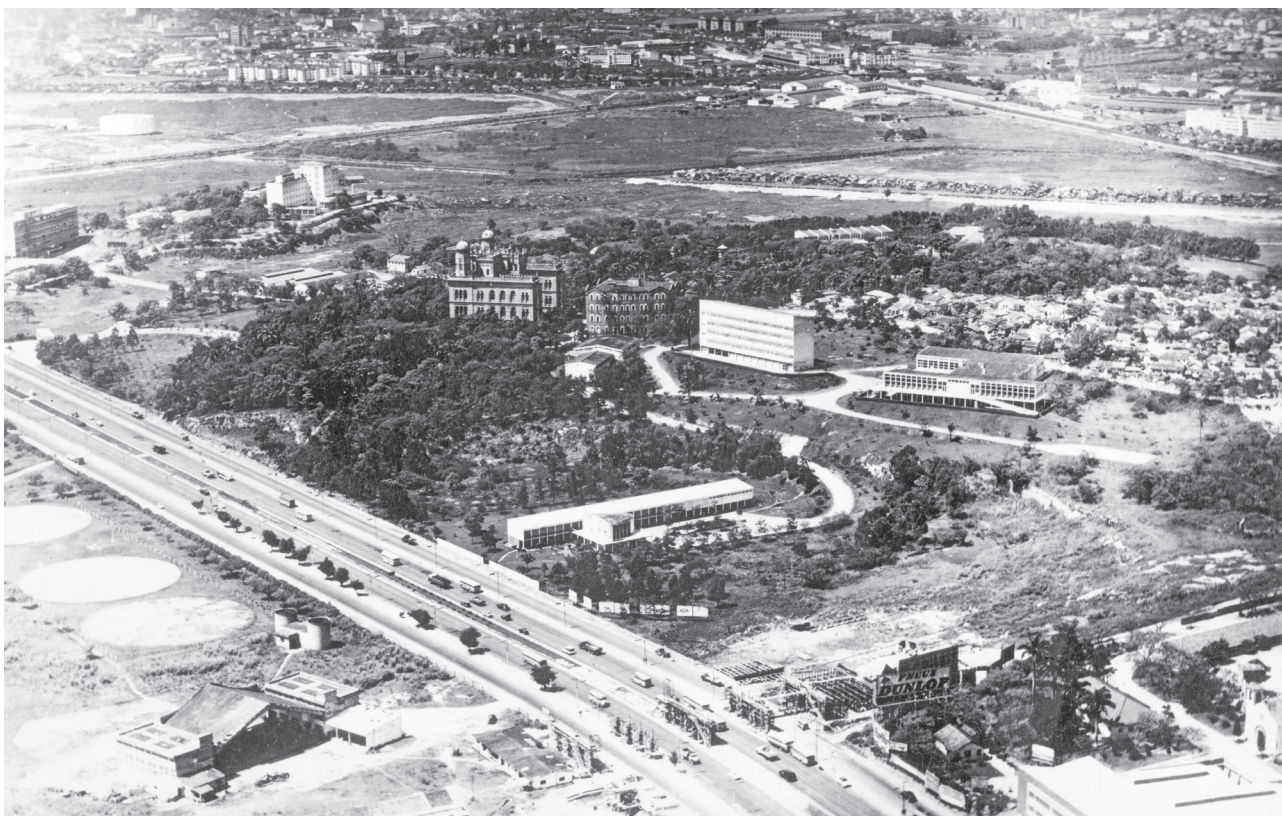


Figura 1 | Vista aérea do campus, onde se percebe a proximidade do Pavilhão Arthur Neiva com a Avenida Brasil. Mais acima, vê-se o Refeitório Central, também de Ferreira e o Pavilhão Carlos Chagas, de Olenka Freire Greve.
Fonte: DAD/COC/Fiocruz (s.d.)

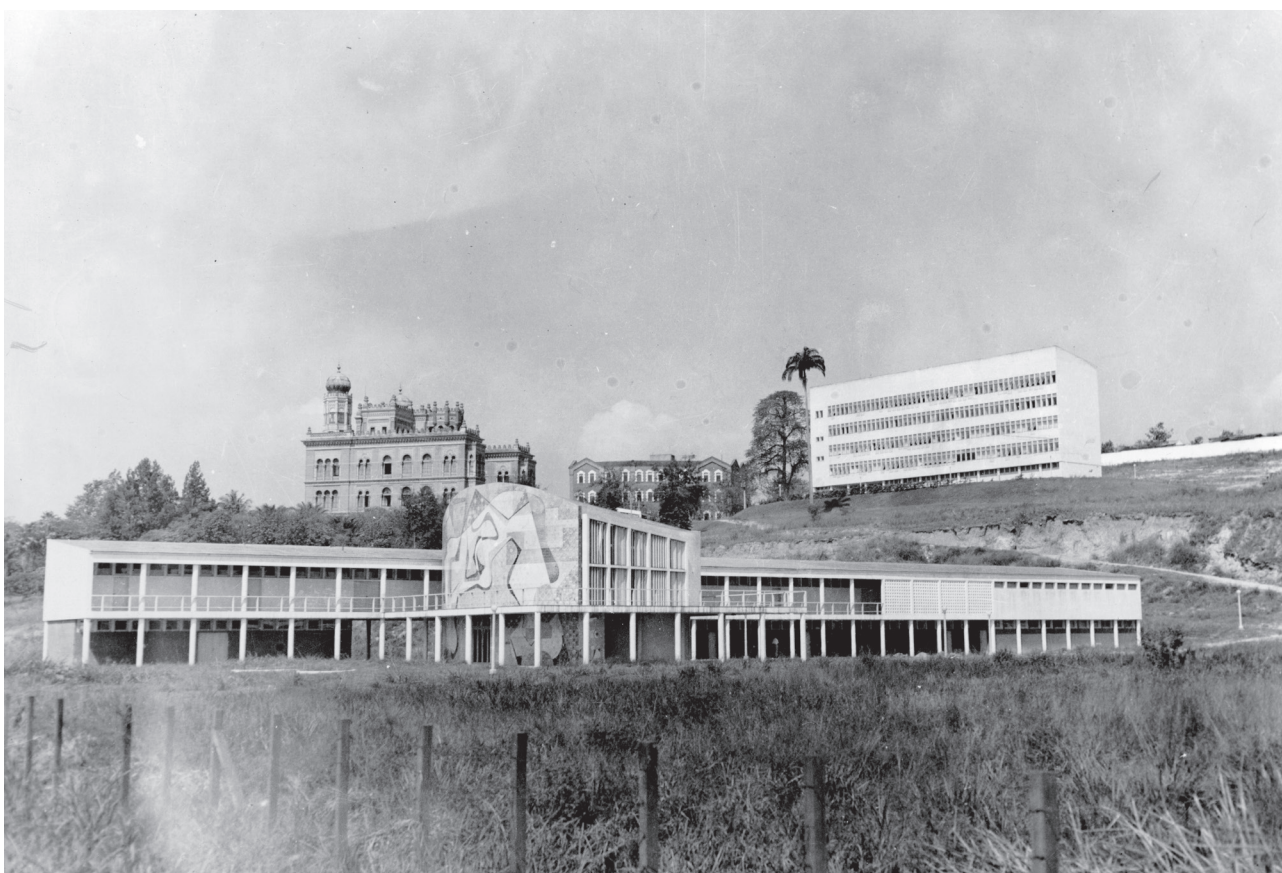


Figura 2 | Em primeiro plano, o Pavilhão Arthur Neiva.
Fonte: DAD/COC/Fiocruz (s.d.)

dro II, de São Cristóvão (1952); as escolas técnicas de Manaus, Teresina e Fortaleza; a residência Stanislav Kozlowski, situada no bairro do Leblon, Rio de Janeiro (1954), e o edifício-sede do Instituto do Câncer, localizada na Praça da Cruz Vermelha, área central da cidade do Rio de Janeiro (1955). Estas obras foram mencionadas na exposição (e posterior catálogo) *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942/Construção Brasileira – Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942*⁵ realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1943, e no livro *Arquitetura Moderna no Brasil*, de Henrique Mindlin, também lançado em Nova York, em 1956.⁶

Para o campus da Fiocruz, Ferreira projetou também o Refeitório Central, premiado pela Primeira Bienal de Arquitetura de São Paulo em 1951, e objeto de análise de encontros realizados pelo DOCOMOMO Brasil, entre os anos de 2001 e 2005.⁷

O Pavilhão Arthur Neiva, cujo nome faz referência a um importante pesquisador e professor da instituição e estudioso da Doença de Chagas, foi construído para abrigar atividades de ensino, reunindo salas de aula, laboratórios práticos, e auditório. A edificação é composta por dois blocos distintos que se cruzam ortogonalmente, interligados por uma laje suspensa por pilotis, sobreposto por uma varanda: um prisma

retangular destinado a salas de aulas e laboratórios, e outro em forma de cunha, que abriga o auditório. A fachada anterior do bloco do auditório é revestida por um painel artístico de azulejos, pintados em azul cobalto e acabamento vitrificado sobre peças brancas de 15x15cm, de autoria de Roberto Burle Marx, que retrata o *Trypanosoma Cruzi*, vetor da Doença de Chagas, estudada pelos pesquisadores da instituição (Figura 3).

Além do painel de azulejos, Burle Marx assinou o projeto dos jardins que circundam o pavilhão. Baseados em estudos em documentação fotográfica, estima-se que o projeto paisagístico para o entorno do Pavilhão Arthur Neiva tenha sido desenvolvido no início da década de 1950. Assim como a edificação e o painel de azulejos, a composição paisagística foi elaborada em dois elementos. O primeiro cenário projetado contempla a integração edificação-painel artístico-Avenida Brasil, e o segundo, um pátio de aproximação ao edifício e espaço de permanência.⁸

O conjunto paisagístico tem composição modesta, a título de complementar o partido arquitetônico. O jardim frontal era caracterizado por um canteiro de vegetação clara de forma ameboide, e o jardim do pátio posterior foi elaborado como uma rotunda para organizar o agenciamento e acesso de veículos ao



Figura 3 | Bloco do auditório com painel de azulejos.
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (2013).

edifício. Para este, foi planejada uma série de canteiros com espécies arbustivas, em forma abstrata, e o plantio de árvores com disposição simétrica, marcando o eixo de acesso ao foyer original do auditório.

O Pavilhão Arthur Neiva é uma pequena joia moderna no campus da Fiocruz no Rio de Janeiro. Ele sintetiza e abriga todos os elementos que tornaram a arquitetura moderna brasileira célebre em todo o mundo: elementos estruturais marcantes e bem dimensionados, telhados planos de uma água, composição de espaços abertos e fechados balanceada, utilização de elementos de controle climático como *brises-soleil*, cobogós e varandas, elementos artísticos integrados à edificação, valorização de jardins, e projeto paisagístico integrado ao conjunto.

Intervenções Físicas

Embora ainda mantenha seu uso e muitas características originais, o edifício sofreu adaptações para se adequar a regulamentos de biossegurança em edificações onde são desenvolvidos estudos e proce-

A configuração original do projeto de paisagismo se manteve intacta até a década de 1970, quando se abriu uma via para veículos através do jardim frontal, dando acesso a uma nova área de estacionamento na lateral sul do edifício. No jardim do pátio posterior foram instalados bancos e lixeiras. Mesmo descaracterizados, os jardins ainda são um forte elemento integrado à edificação, tal como o painel artístico de azulejos.

Na década de 1990, a Fiocruz promoveu uma série de alterações no aspecto físico do Pavilhão Arthur Neiva. Parte do pilotis no primeiro pavimento foi fechado para ampliação da área das atividades administrativas e de secretaria acadêmica, o foyer do auditório foi alterado de modo a criar um ambiente fechado, rompendo sua relação com o jardim no pátio posterior, e as fachadas foram revestidas por pastilhas cerâmicas semelhantes às dos pilares.

Neste momento, o arquiteto Jorge Ferreira foi consultado sobre as alterações no bloco do auditório. Ferreira solicitou que se removessem os *brise-soleil* de sua fachada, já que não teriam mais a função de



Figura 4 | Bloco do auditório onde podem ser observadas as marcações dos antigos vãos protegidos pelos brises.
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (2016).

dimentos na área de saúde e ciências biomédicas, e para atender a demandas de conforto térmico solicitadas pelos usuários do edifício. Estas intervenções de caráter extremamente técnico nem sempre foram guiadas por critérios que visassem a manutenção das características originais do edifício.

atuar como elemento de controle climático, uma vez fechadas as grandes esquadrias de madeira e vidro do segundo pavimento e substituídas por paredes de alvenaria, junto com a instalação de ar-condicionado em seu interior (Figura 4).

Ao longo dos anos, também foram feitas alterações no interior do edifício de modo a acomodar o crescente número de pesquisadores e a alta demanda por laboratórios. Estas alterações foram funcionais e resultaram na subdivisão de algumas salas, tornando-as menores e mais compartimentalizadas. Estas intervenções acabaram se refletindo nas fachadas do pavilhão, alterando a compreensão estética do conjunto; além de afetar as esquadrias, prejudicando o funcionamento das janelas, por exemplo.

Estas intervenções contribuíram para a atual aparência de desgaste do edifício, que ainda não atende a todas as demandas solicitadas por seus usuários e regulamentações mais restritas de biossegurança. Muitas das alterações feitas no interior do pavilhão são reversíveis e não ameaçam o estado geral de conservação do edifício. Porém, as intervenções que envolvem elementos de fachada ameaçam drasticamente a significância do conjunto. A alteração na modulação do *pilotis* na parte anterior do edifício, o fechamento e a interferência nos mecanismos de controle das esquadrias, além da instalação de aparelhos de ar-condicionado e tubos exaustão nas mesmas, são alguns dos exemplos de intervenção que preocupa a equipe do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz.

Desde o tombamento do edifício, o DPH/COC foi responsável por duas obras de intervenção no Pavilhão Arthur Neiva: a restauração do painel de azulejos em 2004, e a recuperação do telhado, com substituição das telhas em fibrocimento com amianto, e impermeabilização das lajes de piso do segundo pavimento em 2012.

A obra de 2004 teve como objetivo restaurar os painéis de azulejos do Pavilhão Arthur Neiva e do Pavilhão Carlos Augusto da Silva, conhecido inicialmente como Refeitório Central. O painel deste é de autoria do artista Paulo Rossi Osir (1890-1959), proprietário da empresa Osirarte. A empresa foi criada para fazer os azulejos desenhados por Candido Portinari (1903-1962) para o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. Os azulejos produzidos pela Osirarte são encontrados em diversas edificações modernas das décadas de 1940 e 1950 no Brasil.

Preservando o Moderno

Apesar de todas as alterações negativas à materialidade da construção, a aparência geral do conjunto edificado está preservada. O edifício mantém sua lógica espacial e parte da disposição original das salas. Além disso, ainda são visíveis e reconhecíveis os elementos e características que tornam o Pavilhão Arthur Neiva um exemplar significativo da arquitetura moderna.

Os valores históricos e artísticos do pavilhão são percebidos pela singularidade das suas formas e

composição, pela qualidade arquitetônica, paisagística e inserção no traçado urbano do *campus* da Fiocruz, e pelo caráter evidentemente autoral dos projetos. Os azulejos na fachada anterior, que se destacam por seu formato peculiar em cunha e autoria, agregam valor à composição, bem como os jardins que rodeiam a edificação. Por fim, o valor cultural do conjunto edificado é conferido pela qualidade da composição arquitetônica e artística, e reforçado pela manutenção do uso original do edifício ao longo destes sessenta anos.

Mesmo com o trabalho de parceria entre a Casa de Oswaldo Cruz e o Instituto Oswaldo Cruz e o olhar constante sobre o edifício, alguns danos que, aparentemente, haviam sido sanados com as últimas intervenções no edifício persistiram ou reapareceram. As atividades do DPH/COC no Pavilhão Arthur Neiva, durante os últimos cinco anos, têm sido de monitoramento e mitigação de danos, e a elaboração do plano de conservação preventiva.

Atualmente, a Fiocruz é responsável pela guarda e gestão de um conjunto significativo de bens culturais, sendo eles coleções biológicas, documentais e bibliográficas, acervos museológicos, arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos. Esta variedade de bens levou a Casa de Oswaldo Cruz a desenvolver diretrizes e metodologias para processos de conservação de seu patrimônio cultural. Os padrões normativos de preservação do patrimônio científico e cultural da Casa de Oswaldo Cruz e da Fundação Oswaldo Cruz ficaram conhecidos como Preservo – Complexo de Acervos da Fiocruz.⁹

Do programa Preservo surgiu a Política de Preservação e Gestão de Acervos da Fiocruz,¹⁰ que estabelece as diretrizes gerais de preservação do acervo científico e cultural da Fiocruz, e orienta o desenvolvimento de planos de conservação preventiva para os mesmos. A metodologia da Política de Preservação e Gestão de Acervos da Fiocruz foi desenvolvida por representantes dos diversos setores da Casa de Oswaldo Cruz, e embasada na literatura de conservação preventiva, gerenciamento de riscos, conservação integrada, e preservação sustentável. A Política estimula a pesquisa e estudos constantes acerca do acervo da Fiocruz, e o desenvolvimento de ações de educação patrimonial.¹¹

A metodologia para elaboração dos planos de conservação preventiva para os bens culturais e acervos sob responsabilidade da Casa de Oswaldo Cruz é reflexo de pesquisas e aprimoramento do grupo de trabalho do Preservo e Política de Preservação e Gestão de Acervos da Fiocruz. A estrutura dos planos segue quatro etapas: caracterização, diagnóstico, gerenciamento de riscos, e determinação de procedimentos e estratégias. As atividades desenvolvidas com o auxílio financeiro da Fundação Getty permitiram a equipe do Departamento de Patrimô-

nio Histórico a finalizar a segunda etapa do plano — diagnóstico — e a discutir e determinar estratégias iniciais de conservação preventiva e tratamento dos danos.

O conjunto documental e base de dados do DPH/COC sobre o Pavilhão Arthur Neiva é extenso; contém documentos históricos, plantas arquitetônicas (Figura 5) e fotografias, relatórios sobre obras e intervenções, e informações sobre as alterações feitas no edifício ao longo dos anos. Baseado nessas informações, foi desenvolvido um diagnóstico preliminar sobre os danos e patologias encontrados no edifício e um relatório preliminar sobre seu estado de conservação. Entretanto, ainda existem informações desconhecidas sobre o edifício (principalmente sobre seus aspectos estruturais). Os maiores desafios para a conservação do Pavilhão, confirmado por esta primeira análise eram:

- o desgaste da estrutura em concreto armado;
- a deterioração das esquadrias em madeira (portas e janelas) e do revestimento externo (principalmente do painel de azulejos) – expostos a um ambiente úmido e poluído;
- presença de rachaduras nas paredes do auditório;
- problemas recorrentes de infiltração de águas pluviais, decorrente de um sistema de impermeabilização mal dimensionado; e
- baixa qualidade de intervenções anteriores feitas no edifício, voltadas para a atualização dos sistemas elétricos e hidráulicos.

Estes fatores se tornaram o ponto de partida para o desenvolvimento de novas estratégias para a preservação do Pavilhão Arthur Neiva, correspondendo a uma parte do seu Plano de Conservação. As ati-

vidades e estudos realizados durante 2015 e 2016 tinham como objetivo aprofundar o conhecimento sobre o edifício e, assim, delinear e indicar ações de conservação, manutenção e, caso necessário, de restauro, com o objetivo de garantir a preservação do edifício.

Dentro do escopo do projeto vinculado à iniciativa Keeping It Modern da Fundação Getty, para desenvolvimento de estudos e análises para subsidiar o Plano de Conservação para o Pavilhão Arthur Neiva, foram realizadas, dentre outras atividades, a revisão da ficha de inventário do edifício e seu histórico, caracterização arquitetônica e descrição física do Pavilhão Arthur Neiva, descrição do paisagismo e vegetação dos jardins, mapeamento de danos e patologias da edificação (cortes e fachadas) e painel de azulejos, testes e análises químicas em laboratório de amostras de argamassa e de azulejo. Também foi contratada uma empresa para avaliar as condições dos elementos estruturais do edifício, sua alvenaria e o grau de comprometimento dos revestimentos existentes no bloco do auditório, tendo em vista a presença de fissuras nas ligações de elementos estruturais e/ou alvenarias. Foram realizadas inspeções técnicas, investigações e ensaios químicos de carbonatação, com vistas a indicar causas prováveis dos danos, recomendações e metodologias de recuperação.

Ao final da avaliação, verificou-se que, de modo geral, as patologias presentes no edifício estão relacionadas à degradação das armaduras do concreto armado em alguns elementos da estrutura, à deterioração das esquadrias em madeira e revestimentos externos expostos a condições ambientais desfavoráveis, à presença de uma fissura na parede de suporte do painel de azulejos, à umidade ascen-

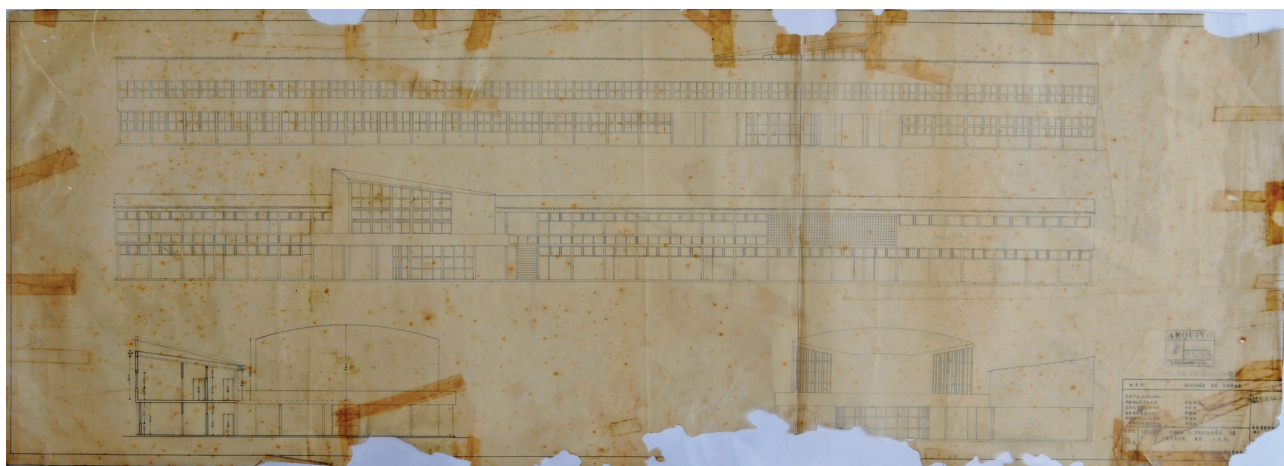


Figura 5 | Desenho com fachadas e cortes, de autoria de Jorge Ferreira.
Fonte: DAD/Fiocruz (1947).

dente nas paredes do pavimento inferior e infiltrações sob a laje no entorno do auditório.

A estas patologias, soma-se a baixa qualidade das intervenções ocorridas no passado para resolver questões relacionadas à obsolescência das instalações prediais, destacando-se a inserção de aparelhos de ar-condicionado e equipamentos de uso dos laboratórios nas fachadas do edifício, interferindo também no funcionamento das esquadrias.

Considerações Finais

Mesmo tendo mantido o uso original, verifica-se que a maior parte das modificações realizadas no edifício estão relacionadas às adaptações decorrentes de demandas por espaços de apoio às atividades de ensino, além das adequações de infraestrutura diante das novas tecnologias e normas de biossegurança ou para resolver questões relativas ao conforto dos usuários. Nota-se que foram procedimentos empregados para resolver questões práticas e, na maior parte das vezes, de forma pontual, sem que o edifício fosse considerado como um todo. A falta de um planejamento integrado das intervenções gerou a inserção de elementos dissonantes nas áreas externas, que interferem na leitura da composição das fachadas.

A manutenção do programa original de uma edificação é percebida, pela teoria contemporânea da conservação, como característica essencial para que se conserve o patrimônio edificado, e garanta a sustentabilidade de seus valores culturais. Desta forma, recomenda-se que o uso da edificação não seja alterado, de modo que o Pavilhão Arthur Neiva permaneça abrigando funções de pesquisa biomédica e de ensino. É importante notar que a manutenção do uso original deve ter em mente, também, a preservação das características arquitetônicas que conferem ao conjunto seus valores históricos e artísticos.

Deve-se buscar a compatibilização entre as intervenções necessárias para garantir que as atividades ali desenvolvidas possam ser realizadas com conforto e segurança para os usuários sem que estas modificações interfiram nos elementos que conferem ao edifício o seu significado como patrimônio cultural. Esta questão não é exclusiva dos edifícios modernos mas a funcionalidade de alguns arranjos espaciais modernos, como no caso do Pavilhão Arthur Neiva, pode tornar mais difícil a inserção de novos usos. Algumas limitações como a altura do pé direito dos ambientes internos assim como a ausência de pavimentos técnicos, representam um desafio a mais para a modernização das instalações.

Observam-se, também, vulnerabilidades relacionadas à escolha dos materiais e elementos construtivos do edifício. O abandono das formas tradicionais de detalhamento do projeto, a inexperiência da mão-de-obra no emprego das novas técnicas e materiais

construtivos e a falta de conhecimento adequado sobre o desempenho dos novos materiais trouxe também novos desafios para a conservação da arquitetura moderna.

No caso do Pavilhão Arthur Neiva, a ausência de manta de impermeabilização na laje do piso que contorna o volume do auditório faz com que os pontos de infiltração abaixo desta laje sejam um problema recorrente e de difícil solução. Outra fragilidade do edifício está nos guarda-corpos instalados ao longo da fachada norte, construídos em concreto moldado no local. Estes elementos, localizados no segundo pavimento da edificação, possuem fissuras generalizadas e trechos com reparos mal executados na argamassa. As investigações realizadas indicaram que as fissuras estão relacionadas ao processo de corrosão das armaduras do concreto, devido ao baixo cobrimento das mesmas em virtude do tamanho reduzido dos montantes e peitoris.

Nas lajes que circundam o volume do auditório, observam-se manchas de umidade de dimensões variadas, localizadas próximas à junta de união entre os dois blocos, nas bordas inferiores e regiões centrais da laje de piso do terraço. As causas destes danos estão relacionadas à deficiência do sistema de vedação das juntas de dilatação, da ausência de impermeabilização da laje do piso da área externa do segundo pavimento e de problemas no funcionamento das pingadeiras existentes no contorno da laje, instaladas na face inferior.

A partir das investigações realizadas no escopo desse projeto e de dados referentes à obra de restauração do painel de azulejos realizada em 2004 pelo Departamento de Patrimônio Histórico¹², a consultoria contratada indicou que as fissuras são resultantes de movimentação térmica e que não representam riscos à estrutura do Pavilhão Arthur Neiva. A excessiva carga térmica sobre a edificação também contribuiu para expandir a fissura dentro da parede de concreto, que surgiu como uma falha no material devido à sua retração durante o processo de cura e que hoje funcionaria como uma junta de dilatação nesta superfície.

Diante de todos estes desafios, o investimento em ações de conservação visando prevenir ou minimizar os problemas diagnosticados, mostra-se como uma ferramenta importante para a preservação do patrimônio moderno. A elaboração de planos de conservação preventiva, além de oferecer uma oportunidade para aprofundar o conhecimento sobre o edifício, suas patologias e possíveis causas, contribui para a gestão destes patrimônios na medida em que oferecem subsídios para o planejamento das ações, desde procedimentos rotineiros de limpeza até obras maiores visando a conservação do edifício. Os planos preveem ainda o desenvolvimento de ações de educação patrimonial visando envolver

os diversos atores sociais na valorização e apropriação desse patrimônio, condição fundamental para sua preservação.

Para que a preservação não seja uma luta inglória ou apenas um ato administrativo sem efeitos práticos, uma comunidade relativamente ampla de pessoas precisará também identificar aquela obra como merecedora de proteção especial, por seu alto valor artístico, histórico, cultural, etc. Um aliado nessa luta pela necessidade de preservação de alguma arquitetura moderna (ou não), será, então, um bom projeto – que possa revitalizar sua construção, eventualmente adaptá-la a novos usos sem perda de suas qualidades intrínsecas, ou mesmo revalorizando-as. Um projeto de qualidade, tão excepcional ou mais do que a obra a ser preservada, é um instrumento indispensável ao processo de preservação, e como tal, deve ser enfatizado e divulgado (ZEIN; DI MARCO, 2008).

Os estudos foram concluídos e a etapa de diagnóstico das condições do Pavilhão Arthur Neiva, finalizada. Seguem-se as discussões sobre gerenciamento de riscos no conjunto edificado para que se conclua o plano de conservação preventiva. As visitas técnicas para monitoramento e manutenção de rotina ainda mostram alguns desafios para a conservação do edifício—situações comuns a um edifício em uso, e que se espera que continue assim. A equipe do Departamento de Patrimônio Histórico atenta aos constantes desafios, segue se especializando e investigando a melhor forma de conservar o patrimônio arquitetônico da Fundação Oswaldo Cruz.

NOTAS

¹ SEGRE, 2013.

² Com sede em Los Angeles (Estados Unidos), no Getty Center, a Getty Foundation é o braço filantrópico do J. Paul Getty Trust, que desenvolve ações de preservação de artes visuais e capacitação e promoção profissional nessa área.

³ COELHO, 2011.

⁴ AGUIAR, CARCERERI, 2017.

⁵ GOODWIN, 1943.

⁶ MINDLIN, 1999. Sua versão original foi publicada em inglês em 1956, com o título de *Modern Architecture in Brazil*.

⁷ COSTA, et al, 2003, p. 61. COSTA, 2001, p. 50. COSTA, PESSOA, RIBEIRO, 2005.

⁸ ANDRADE, 2015.

⁹ PINHEIRO, ELIAN, COELHO, 2011, p.1-12.

¹⁰ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. 2013.

¹¹ COELHO, 2017.

¹² FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, 2005.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa G. (org.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017.

ANDRADE, Inês El-Jaick. *Temporalidade dos jardins históricos do campus Fiocruz Manguinhos*. Relatório Final. Rio de Janeiro: Departamento de Patrimônio Histórico/COC/Fiocruz, 2015.

COELHO, Carla M. Teixeira. *Conservação Preventiva do Acervo Histórico da Fiocruz: o caso do Pavilhão Mourisco*. In: *Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos integrados de preservação*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; FCRB; FAPERJ, 2011.

COELHO, Carla M. Teixeira. *Plano de Conservação Preventiva*. In: AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa G. (org.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017.

COSTA, Renato Gama-Rosa. *Pavilhão Arthur Neiva. Modernidade e tradição*. In: AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa G. (org.). *Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o plano de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017.

COSTA, Renato Gama-Rosa, et al. *A restauração do refeitório central da Fundação Oswaldo Cruz*. In: *5º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2003*, São Paulo. DOCOMOMO Caderno de resumos. São Paulo: Serviço Gráfico - EESC - USP, 2003.

COSTA, Renato Gama-Rosa. *Arquitetura Moderna em Manguinhos: memória e preservação*. In: *4º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2001*, Viçosa/Cataguases- MG. IV Seminário DOCOMOMO Brasil. Viçosa: Departamento de Arquitetura e Urbanismo - UFB, 2001.

COSTA, Renato Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre; RIBEIRO, Cristina. *A Restauração do Refeitório Central*. In: *6º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2005*, Niterói. Anais do VI Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. *Política de preservação e gestão de acer-*

vos culturais das ciências e da saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz -COC, 2013. Disponível em www.coc.fiocruz.br.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CASA DE OSWALDO CRUZ. DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *Relatório final da obra de restauração dos painéis modernistas - fase 1*. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Patrimônio Histórico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942. Construção Brasileira: Arquitetura Moderna e Antiga 1652-1942*. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

PINHEIRO, Marcos José de A., ELIAN, Paulo R., COELHO, Carla M. T. Complexo de Preservação e Difusão de Acervos Científicos da Saúde. In: *Conference on Technology, Culture and Memory - CTCM. Strategies for preservation and information access, 2011*, Recife. Anais... Recife: LIBER/UFPE, 2011, p.1-12.

SEGRE, Roberto. Ministério da Educação e Saúde. *Ícone da Modernidade Brasileira (1935-1945)*. Romano Guerra Editora. São Paulo, 2013.

ZEIN, Ruth Verde; DI MARCO, Anita Regina. Paradoxos do valor artístico e a definição de critérios de preservação na arquitetura, inclusive moderna. In: *Arquitextos*, São Paulo, no 09, n. 098.00, Vitruvius, jul. 2008. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/123>, acessado em 25/06/2018.